MEU COMPUTADOR FOI DE ARRASTA PRA CIMA E EU TÔ ASSIM AGORA: UM ESTUDO DA CONSTRUÇÃO DE FIM DESFAVORÁVEL [(X) IR DE [Y]] SOB A PERSPECTIVA COGNITIVA-FUNCIONAL ¹

Meu computador foi de arrasta pra cima e eu tô assim agora: a study about the unfavorable end construction [(X) ir de [Y]] from a cognitive-functional perspective

Vitor Gabriel Silva de Santana²

Orientador: Dr. Emanuel Cordeiro da Silva³

RESUMO: Em seus usos mais convencionais, o verbo *ir* é mobilizado pelos falantes para codificar a idéia de um deslocamento concreto, ou seja, expressa que um trajeto é percorrido de um ponto de partida a um ponto de destino, entendido aqui como meta, a exemplo de: *como assim minha mãe foi de carro pro posto de saúde e eu terei q ir de apé cm guarda chuva pro trabalho*. Porém, diante das interações comunicativas dos falantes, sobretudo nos ambientes digitais, fomos percebendo a instanciação de novos usos com esse verbo que se distanciam daqueles mais prototípicos, como em: *Comi uma uma barca de açai ontem e minha barriga foi de arrasta pra cima hoje*. Tendo em vista esse novo tipo de uso, a essa pesquisa interessou investigá-lo para a descrição e análise do fenômeno. A investigação realizada se fundamenta teoricamente nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), compreendida como o diálogo entre o Funcionalismo norte-americano e a Gramática de Construções. Sob essa perspectiva, a gramática da língua é concebida como um sistema adaptativo complexo emergente das práticas discursivas (Hopper, 1987), sendo a construção, enquanto pareamento de forma e sentido, tomada como sua unidade básica (Croft, 2001; Goldberg, 2006; Hilpert, 2014; Traugott e Trousdale, 2021[2016]). O *corpus* utilizado para a pesquisa é composto por 525 constructos coletados da rede *X* (antigo *Twitter*). As ocorrências identificadas foram analisadas quanto aos seus aspectos de forma e significado. Do ponto de vista da forma, foram observados os elementos preenchedores dos slots X e Y, as flexões do verbo *ir*, a presença de material linguístico interveniente entre o verbo *ir* e o slot Y e a possibilidade de deslocamento do *slot* Y. Do ponto de vista do significado, foram analisados o sentido de deslocamento, se concreto ou abstrato, o papel temático do preenchedor do *slot* X, o valor semântico do elemento preenchedor do slot Y e a

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em Letras Português, vinculado ao Departamento de Letras, do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, com orientação do Prof. Dr. Emanuel Cordeiro da Silva

² Licenciando em Letras Português pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

³ Professor Associado ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

intenção comunicativa do falante ao empregar a construção. Além disso, para a análise, adotou-se uma abordagem quali-quantitativa, também conhecida como método misto (Lacerda, 2016). Constatou-se, por meio da análise das ocorrências, que diferentemente das realizações mais prototípicas com o verbo *ir*, que codifica uma noção de um deslocamento que se dá de forma concreta, a construção emergente do português [(X) ir de [Y]] é mobilizada pelos falantes/escreventes com a intenção de expressar um deslocamento que se dá de forma metafórica diante de uma situação que se encaminhou de maneira negativa.

Palavras-chave: Verbo *ir*. Construção inovadora. Funcionalismo. Gramática de construções.

ABSTRACT: In its most conventional uses, the verb *ir* (to go) is employed by speakers to encode the idea of a concrete movement—that is, it expresses that a path is traversed from a starting point to a destination, understood here as a goal, as in: *como assim minha mãe foi de carro pro posto de saúde e eu terei q ir deapé cm guarda chuva pro trabalho*. However, through speakers' communicative interactions, especially in digital environments, we have noticed the instantiation of new uses of this verb that differ from the more prototypical ones, such as in: *Comi uma uma barca de açaí ontem e minha barriga foi de arrasta pra cima hoje*. Considering this new usage pattern, this research aimed to investigate them for the description and analysis of the phenomenon. The study is theoretically based on the principles of Usage-Based Functional Linguistics (UBFL), understood as the dialogue between American Functionalism and Construction Grammar. From this perspective, language grammar is conceived as a complex adaptive system that emerges from discursive practices (Hopper, 1987), with construction—defined as a pairing of form and meaning—being considered its basic unit (Croft, 2001; Goldberg, 2006; Hilpert, 2014; Traugott & Trousdale, 2021[2016]). The research *corpus* consists of 525 constructs collected from the social network *X* (old *Twitter*). The identified occurrences were analyzed in terms of their form and meaning. From a formal perspective, the study examined the elements filling the *X* and *Y slots*, the verb *ir*'s (to go's) inflections, the presence of intervening linguistic material between *ir* and the *Y slot*, and the possibility of shifting the *Y slot's* position. From a semantic perspective, the analysis considered whether the sense of movement was concrete or abstract, the thematic role of the *X slot* filler, the semantic value of the *Y slot* filler, and the speaker's communicative intent in using the construction.

Keywords: Verb *ir* (to go). New constructions. Functionalism. Construction Grammar.

INTRODUÇÃO

Em seus usos mais prototípicos, o verbo *ir*, associado a um sintagma adverbial, codifica a ideia de deslocamento físico, a exemplo de: *Ele foi de carro pra uma festa e bebeu...Se matar um trabalhador...Nada acontecerá...*(rede X, 12/08/2024). Entretanto, na medida em que os falantes mobilizam a linguagem de acordo com as suas intenções comunicativas, acabam por ocasionar a emergência de construções na língua que se distanciam das suas realizações mais convencionais, sobretudo, nos ambientes digitais, a exemplo da seguinte ocorrência: *Comi uma barca de açaí ontem e minha barriga foi de arrasta pra cima hoje*. Diante disso, este estudo consiste em analisar a construção [(X) ir de [Y]], inovadora na língua, esquema parcialmente preenchido, onde (X) representa um sujeito, que pode estar expresso na oração ou não; e Y, preenchido aqui por um nominal ou um verbo nominalizado, realizada principalmente nas interações digitais por meio das redes sociais.

Para a realização deste estudo, adotamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Dessa forma, buscamos investigar a relação da construção enquanto pareamento de forma e sentido (Croft 2001; Goldberg, 2006; Hilpert, 2014; Traugott e Trousdale, 2021[2016]), admitindo as seguintes propriedades: *esquematicidade, composicionalidade e produtividade*. Outrossim, mediante os postulados da Bybee (2016 [2010]), analisamos aspectos como: a *analogia*, a *metáfora*, a *categorização* e o *chunking*, tomados aqui, segundo a autora, como processos cognitivos de domínio geral. Analisamos também o papel temático do sujeito preenchedor do *slot* X (Cançado e Amaral, 2016; Perini, 2024) e as características sintático-semânticas dos elementos preenchedores do slot Y.

Enquanto justificativa da escolha do *corpus*, percebemos que, cotidianamente, nos ambientes digitais, estavam sendo instanciados novos usos do verbo *ir* diferentes daqueles registrados pelos dicionários. Tal percepção despertou-nos o interesse em investigar o uso do verbo não isoladamente, mas, sim, como parte integrante de uma unidade linguística maior, a construção de fim desfavorável [(X) ir de [Y]]. Por se tratar de uma construção inovadora, a investigação pretendida já se mostra relevante para o desenvolvimento dos estudos descritivos do português, uma vez que ainda não há muitas investigações sobre o fenômeno.

Outrossim, já existe uma significativa literatura linguística composta por pesquisas que se debruçaram à investigação dos mais variados empregos sintático-semânticos utilizando o verbo *ir*, a exemplo de Maciel de Oliveira (2007), Wiedemer (2011), Gonçalves (2012), entre outros. Contudo, pelo fato de a construção de fim desfavorável [(X) ir de [Y]]

ainda ser emergente na língua, sendo operada principalmente na rede social *X (Twitter)*, há uma quantidade ínfima de estudos que se pautam na sua análise e descrição.

Assim, tomamos aqui, como principal força motivadora, a puerilidade de estudos sobre essa construção em específico e a possibilidade de contribuição para a literatura linguística por meio da análise e descrição da construção [(X) ir de [Y]].

ABORDAGENS ANTERIORES

O *Dicionário Houaiss* (2001) descreve os seguintes sentidos do verbo *ir*: **1.** deslocar-se de um lugar a outro <fui sem pressa, caminhando a seu lado>; **1.2** deslocar-se a um lugar sem o propósito de ficar ou de demorar-se no local de destino, ou fazê-lo exatamente com esse propósito <ir a São Paulo para uma entrevista>; **1.3** pôr-se a caminho <se me procurarem, diga que fui por aí>; **2.** ser conduzido <foi para a emergência do hospital e ainda por lá>; **7.1** morrer <logo ele, que queria viver muito, foi-se antes dos avós>; **9.** pron. sofrer prejuízo ou dano (material ou moral) definitivo ou transitório <com aquele esguicho de ácido, foi-se a minha blusa>; **22.** ser guardado ou jogado em determinado lugar <os manuscritos foram para as suas pastas> **26.** perd. ocorrer de modo determinado ou específico; desenvolver-se <tudo vai bem com eles>.

Segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2004), o verbo *ir* tem origem no Latim [*ire*] e é intransitivo, possuindo os seguintes sentidos: **1.** passar, mover-se ou deslocar-se de um lugar para outro, por movimento próprio, impulso imprimido, qualquer mecanismo, ou com auxílio de transporte ou veículo: *O criado foi com o patrão, transportando as bagagens*; **6.** Chegar a determinado resultado (favorável ou não); sair-se: *Foi muito bem no concurso*; **10.** Morrer: *Foi primeiro que a mulher, embora bem mais novo*; **12.** Ser levado ou transportado voluntário ou involuntariamente: *Estava agonizante quando foi para o hospital*; **15.** Andar por; percorrer, seguir: *Iam pela estrada em busca de abrigo*.

No *Dicionário de usos do Português do Brasil*, Borba (2006) traz algumas considerações a respeito do verbo *ir*, a exemplo de: [**ação**] [+**complemento de direção**] 1. pôr-se em direção; deslocar-se: Vou à casa do compadre (M). [+**complemento de lugar**] 2. seguir; caminhar; andar: Íamos pela estrada a cavalgar (CJ). 11. aderir; tomar parte: não vamos nestas aventuras (S) [**pronominal**] [**Compl. a+nome abstrato**]. 16. sair-se; dar-se: seu filho mais velho não ia bem nos estudos (PCO) [**Compl de direção**]. 30. haver; existir: Na mala, além de tanta encomenda, iam segredos também (VIC); E não vai nisso nenhuma tentativa de divisão de classe (EL) [**Compl: contra/por+nome abstrato**]. 33. indica futuro: Agora a gente vai se ver o dia todo (IN); Quando eu for buscar o meu navio no Reino dos

Corais, eu pago (SRD); Tenho vergonha de ir abrir a porta (I). 37. indica aspecto progressivo: os risos iam cessando (FSP).

Os dicionários acabam por trazer definições mais tradicionais a respeito dos usos do verbo *ir*. Contudo, uma vez que aqui estamos trabalhando com uma construção emergente da língua, as definições convencionais acabam por não abrangerem plenamente esses novos usos instanciados pelos falantes. Agora, traremos algumas produções bibliográficas que compõem a literatura linguística apontando outros estudos com o verbo *ir*.

No artigo *A gramaticalização do verbo ir em predicacões complexas*, de Maciel de Oliveira (2007), o autor apresenta a trajetória do verbo *ir* tanto como verbo predicador quanto como verbo auxiliar, afirmando ainda que esse processo não é discreto, mas se dá por meio de um *continuum*. Os dados são analisados levando em consideração a relação entre o sistema gramatical e a funcionalidade discursiva, à luz de orientações teórico-metodológicas como: o conceito de gramaticalização de Heine (1991), a noção de esquemas cognitivos derivados desse processo que dão origem aos verbos auxiliares (Heine, 1993), assim como os modelos configuracionais de predicacões de Dik (1997). Com isso, o autor ainda afirma a existência de três fases para a compreensão desse processo de gramaticalização do verbo *ir*, chamando-as de: fase inicial (+lexical), a intermediária (categoria híbrida) e a mais avançada (+gramatical). Por fim, afirma que o papel semântico do verbo *ir*, em um grau de integralidade *ir* + infinitivo, dá-se de forma moderada na interação com verbos de *ação* e *ação-processo*, enquanto com verbos de *processo* e *estado* ele se dá de forma moderada a forte.

No artigo *Evidências de novos fatores linguísticos na seleção de preposições de complemento locativo do verbo ir*, Wiedemer (2011), baseando-se em resultados já alcançados em pesquisas anteriores tanto por Wiedemer (2008) quanto por (Mollica, 1996; Ribeiro, 1996, 2008; Vallo, 2004; Vieira, 2009), tem como objetivo apresentar novos grupos com relação às variações dos usos das preposições *a/para/em* no complemento locativo do verbo *ir*. Esse estudo de Wiedemer (2011) vai de encontro às considerações de Travaglia (1985), para quem o processo de seleção das preposições só se dá em dois níveis: sintático e semântico. A pesquisa de Wiedemer (2011) defende que o fenômeno em questão transita pelos níveis morfossintáticos e semântico-discursivo, sofrendo influências de algumas variáveis como: variável tempo-modo-verbal, pessoa do discurso, variáveis de narratividade e finalidade (Wiedemer, 2008), assim também como se mostra sensível a fatores extralinguísticos, ou seja, para o autor, a seleção de proposições se dá em mais de dois níveis linguísticos.

No artigo *O processo de gramaticalização do verbo IR no português brasileiro: um estudo diacrônico*, de Gonçalves (2012), tendo como *corpora* materiais de gêneros textuais variados dos séculos XVIII, XX e XXI, dentre eles Cartas Pessoais, Cartas de Comércio, Artigos Científicos e Cartas-denúncia, a pesquisa buscou evidenciar o processo de gramaticalização sofrido pelo verbo *ir*, tanto por meio dos dados de Língua Escrita (LE) quanto pelos de Língua Falada (LF). Ou seja, a análise expôs que o verbo *ir* se encontra mais presente sendo utilizado de forma gramaticalizada, como marcador temporal atuando como verbo auxiliar em perífrases verbais, do que de forma lexicalizada, como marcador espacial. Por fim, a autora ainda afirma que, como este processo já vem acontecendo há bastante tempo, a forma perifrástica *ir* + infinitivo vem substituindo, gradativamente, a forma sintética de marcação de futuro no português brasileiro.

No artigo *A Americanas foi de Mesbla, a Netflix vai de Blockbuster e eu quase fui de Olavo de Carvalho: a construção de fim/morte/falência com o padrão <[IR DE N]> no português brasileiro contemporâneo*, de Simões Neto e Souza (2023), tendo como base teórica os pressupostos da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006, 2012; Pinheiro, 2016; Bybee, 2016; Traugott; Trousdale, 2021) e da Semântica Cognitiva (Lakoff, 1993; Lakoff; Johnson, 2002; Fillmore, 2009), os autores apresentam a construção <[IR DE N]>, na qual o *slot* N, precedido por uma preposição, seria sempre preenchido por um nominal. Dessa forma, a construção é descrita como possuidora de uma semântica de fim, morte ou falência. Por fim, os autores ainda elaboram duas hipóteses mediante a análise com relação aos usos do verbo *ir* que se diferem daqueles mais convencionais: a primeira é que o esquema construcional <[SUJ PAC] IR DE [N] ↔ FIM/MORTE/FALÊNCIA do [SUJ PAC]> são instanciados por uma relação de herança da metáfora estrutural “A VIDA É UMA VIAGEM”, mais especificamente de “A MORTE É UMA PARTIDA”. A segunda hipótese é de que, por meio do processo de analogia da construção-modelo *ir de base*, os falantes começaram a instanciar outros elementos para preencherem o *slot* N que faz relação com eventos que indicam fim/morte/falência, a exemplo de *Olavo de Carvalho*, que morreu, e a *Mesbla*, que faliu.

Por mais que estudos como os de Marciel de Oliveira (2007), Wiedemer (2011) e Gonçalves (2012) apresentem novos pontos de vista a respeito do verbo *ir* que se mostram diferentes das perspectivas trazidas pelos dicionários, eles também não contemplam essa construção. A exceção é o trabalho de Simões Neto e Souza (2023), no qual os autores se voltam para o estudo do fenômeno em questão.

Contudo, algumas considerações aqui apresentadas se diferem daquelas expressas por esses últimos autores, a começar pela nomenclatura da construção, aqui por nós chamada de *construção de fim desfavorável* [(X) ir de [Y]], enquanto que Simões Neto e Souza a nomearam de *construção de fim/morte/falência com o padrão <[IR DE N]>*. Optamos por *fim desfavorável* porque constatamos que, mesmo o *slot Y* sendo preenchido por sintagma nominal relacionado a eventos de *morte ou falência*, a construção não necessariamente codificará, literalmente, morte ou falência. Além do mais, primamos por um maior detalhamento analítico a respeito dos elementos preenchedores dos *slots X* e *Y*.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para fundamentar a análise, adotamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que se configura como a junção entre o Funcionalismo norte-americano e a Gramática de Construções (GC). Segundo Furtado da Cunha & Tavares (2007), a LFCU entende a aparente regularidade e a instabilidade da língua como motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários no cotidiano social. Dessa forma, a LFCU leva em consideração os aspectos da gramática emergente dos usos performados pelos falantes da língua, sejam eles com funções mais semântico-cognitivas ou discursivo-pragmáticas.

Enquanto compreensão de língua, aqui levamos em consideração as contribuições de Hopper (1987), que considera a língua como um sistema adaptativo complexo. Nesse sentido, compreendemos que a gramática se (re)faz mediante os usos. Assim, a gramática é aqui concebida como um conjunto de padrões estruturais relativamente estáveis, convencionalizados e simbólicos, que são utilizados na produção de discursos, esses padrões motivados por fatores cognitivo-funcionais (Cesário e Cunha, 2013). No que se refere ao discurso, admitimos a noção de que se constitui por qualquer instância de uso da língua em interação verbal (Cezário e Cunha, 2013). Logo, discurso e gramática são aqui compreendidos com uma relação imbricada.

Sob essa perspectiva, na investigação da relação entre gramática e uso, a construção é tomada como unidade básica da língua, sendo concebida como pareamento de forma e sentido (Croft, 2001; Goldberg, 2006; Hilpert, 2014; Bybee, 2016 [2010]). Constituem a forma da construção aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos; e o significado, aspectos pragmáticos, semânticos e discursivos (Croft, 2001). Para além desses aspectos, as construções também possuem as seguintes propriedades: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade* (Traugott e Trousdale, 2021 [2016]).

De acordo com Traugott e Trousdale (2021, [2016]), a *esquematicidade* está diretamente relacionada ao nível de generalização da construção de forma categorial, podendo ser dividida em esquemas, subesquemas e microconstruções. Ademais, Bybee (2016 [2010]) ainda acrescenta que a *esquematicidade* diz respeito à posição e ao preenchimento da construção por variadas palavras e sintagmas.

Com relação à *produtividade*, um esquema é produtivo quando tem a capacidade de sancionar outras construções menos esquemáticas (Traugott e Trousdale, 2013). Em outras palavras, diz respeito às possibilidades de realização advindas de uma construção mais esquemática instanciada pelos falantes. Ainda com relação à *produtividade*, Bybee (2003) salienta a importância de se estabelecer uma diferença entre o que chama de frequência *type* (ou frequência de construção), que abrange os tipos diferentes de uma mesma construção, e frequência *token* (ou frequência de constructo), que é precisamente o número de ocorrências da construção no *corpus* coletado para a pesquisa.

Já a *composicionalidade* refere-se ao grau de transparência entre forma e significado da construção, podendo ser classificada como sintática ou semântica. De acordo com Oliveira (2016), a *composicionalidade semântica* diz respeito à soma dos significados das partes, ou seja, uma construção é considerada semanticamente mais composicional quando o significado das partes é recuperado no significado do todo. A *composicionalidade sintática*, por sua vez, diz respeito ao nível de integridade morfossintática das subpartes, pois quanto mais sintaticamente composicional for a construção, mais cada subparte resguarda as características de sua categoria fonte.

Além das propriedades da construção, analisaremos também os tipos de processos motivadores da forma linguística, postulados por Bybee (2016 [2010]) como processos cognitivos de domínio geral, aqui admitidos para a análise: *categorização*, *chunking* e *analogia*. Também será levada em consideração a *metáfora conceptual* (Lakoff e Johnson, 1980) como fator motivador cognitivo-funcional significativo.

A *categorização*, segundo Bybee (2016 [2010]), é um processo cognitivo de domínio geral utilizado para identificação de similaridade ou emparelhamento entre palavras e sintagmas, assim como suas partes e componentes que são associados a representações estocadas. Em consonância com a visão de Duque e Costa (2012), admitimos aqui que a *categorização* é um processo mental que nos permite organizarmos, em questão de classes e diversidade, entidades que estão no mundo externo. Essa organização acontece de duas formas: vertical, que estaria ligada ao nível de inclusão dessas classes, e a horizontal, que diz respeito às categorias distintas (Abreu, 2010).

O *chunking*, por sua vez, é um processo cognitivo desencadeado pelas ações repetitivas, pela automatização (Bybee, 2015). Dessa forma, um *chunk* é formado por elementos que sempre acontecem na mesma posição na construção, atuando não somente sintática quanto semanticamente como um bloco fechado. Assim, esses elementos acabam por se tornarem menos composicionais.

A *analogia*, segundo Bybee (2016), é um processo cognitivo por meio do qual todos nós, como seres humanos, estamos sempre criando ou formulando algo a partir de um modelo já disponível. Assim, por meio da nossa cognição, fazemos o exercício de comparar coisas quando elas possuem um alto grau de semelhança. Traugott e Trousdale (2021 [2016]) ainda salientam a importância da reflexão sobre esse mecanismo, uma vez que os autores buscam diferenciar o pensamento analógico, aqui entendido como motivação, enquanto que a analogia é compreendida como a compatibilidade entre aspectos por meio de um padrão, também podendo ser chamada de analogização.

O conceito de *metáfora conceptual*, apresentado na obra "*Metaphors We Live By*", de Lakoff e Johnson (1980), revisita o conceito de metáfora e o coloca para além de um recurso estilístico da língua. Assim, por meio desse processo, conseguimos conceber muitas noções acerca do mundo ao nosso redor, dentro do encadeamento da compreensão, que estão para além de suas percepções mais prototípicas de domínio-fonte. Segundo Neves (2022), a *metáfora conceptual* passa a ser vista como entidade do pensamento, um mecanismo natural através do qual podemos conceptualizar as nossas experiências.

Por fim, alinhado às propostas de análise, o referencial teórico que fundamenta este estudo possibilitou a realização de uma análise coerente e consistente das ocorrências em questão, pois, como a língua aqui é tomada como um sistema adaptativo complexo, enxergamos potencialidade de análise do fenômeno emergente no português que vem sendo performado pelos falantes.

ANÁLISE

Como já pontuado anteriormente, em seus usos mais convencionais, com sentido de movimento físico, o verbo *ir* é considerado monoargumental, isto é, possui apenas o argumento sujeito. Nesse tipo de uso, ele é empregado pelos falantes mediante a necessidade comunicativa de expressar um deslocamento físico, que acontece de um ponto X, representando um ponto de partida, em direção a um ponto Y, entendido aqui como meta. Observemos os exemplos (1) e (2):

(1) A Billie vai para São Paulo de novo??? Queremos Rio de Janeiro tbm⁴

(2) como assim minha mãe foi de carro pro posto de saúde e eu terei q ir deapé em guarda chuva pro trabalho.⁵

Em (1), temos o verbo *ir* sendo mobilizado na sua forma mais basililar, claramente, codificando a ideia de um deslocamento de um ponto concreto a outro. Nesse caso, falando a respeito da cantora pop internacional Billie Eilish, que certamente se dirigirá em algum momento para a cidade de São Paulo novamente. Ainda em (1), temos um escrevente que questiona tal fato expressando o desejo de que a cantora também se deslocasse até a cidade do Rio de Janeiro.

Em (2), tal como em (1), temos o verbo sendo utilizado mais uma vez dentro de sua esfera mais prototípica de ideia de deslocamento físico. Ainda é possível perceber a presença de um sintagma adverbial de modo, que caracteriza esse verbo deixando ainda mais evidente a noção de como a mãe se deslocou para o local de destino, ou seja, a mãe optou por ir de veículo para o posto de saúde, deixando, conseqüentemente, sua filha em casa, e ela terá que ir trabalhar a pé utilizando um guarda-chuva.

Com relação a ambos os exemplos, podemos enxergar a presença de uma mesma construção que instancia ambas as realizações: [S V_{mov} S_{adv}], onde o S representa o sujeito; o V_{mov}, verbo de movimento (preenchido aqui pelo verbo *ir*); e o S_{adv}, um sintagma adverbial, que caracteriza diretamente o verbo em questão.

Entretanto, à medida que os falantes mobilizam a linguagem de acordo com as suas intenções comunicativas, fomos percebendo, sobretudo nos ambientes digitais, a emergência de novos usos que se distanciam daqueles mais convencionais quanto à utilização do verbo *ir*, como em (3), (4) e (5).

(3) Instagram foi de americanas e não me deixa postar esse stories.
Então estejem avisados que meu bebê fez aniversário.⁶

⁴ Disponível em: https://x.com/Ju_Barb0sa/status/1892051824519123273

⁵ Disponível em: <https://x.com/jwymodel/status/1795113742335615425>

⁶ Disponível em: <https://twitter.com/Lucasbas11/status/1778796419400241325>

(4) Comi uma uma barca de açaí ontem e minha barriga foi de arrasta pra cima hoje⁷

(5) acho que meu teclado foi de elizabeth⁸

Diferentemente do que acontece em (1) e (2), nas ocorrências (3), (4) e (5), o verbo *ir* não mais apresenta traços semânticos de codificação de deslocamento concreto, mas, sim, uma noção metafórica de que algo se encaminhou de forma negativa dentro das situações em questão. Como podemos perceber em cada um dos três últimos exemplos.

Em (3), o escrevente justifica publicamente que a rede social Instagram parou de funcionar, certamente de forma temporária, e que o impossibilitou de postar fotos nos stories do aplicativo do seu bebê que acabara de fazer aniversário. Assim, diante das possibilidades sintático-semânticas instanciadas pela construção [(X) ir de [Y]], o *slot* Y aqui é preenchido pelo nominal *americanas*, fazendo referência à loja varejista brasileira Lojas Americanas, que passou por uma crise financeira mediante a uma fraude contábil e que quase resultou na falência da franquia em 2022.

Na ocorrência (04), podemos encontrar um escrevente que afirma ter comido uma barca de açaí no dia anterior, e, no dia seguinte, a sua barriga não estava em bom estado de funcionamento. Isso nos leva ao entendimento de que o lanche acabou não lhe fazendo bem. Aqui o *slot* Y é preenchido pela expressão adverbial *de arrasta pra cima*, que possui sentido negativo.

Já na ocorrência (05), por sua vez, o escrevente acha que o teclado do seu computador está com algum tipo de defeito que acabou por comprometer seu funcionamento adequado. O *slot* Y aqui é preenchido pelo nominal *elizabeth*, fazendo alusão à morte da Rainha Elizabeth II, rainha do Reino Unido, que veio a falecer em setembro de 2022, aos 96 anos.

Do ponto de vista da *esquematicidade*, podemos afirmar que a construção [(X) ir de [Y]] é parcialmente esquemática. O X aqui é preenchido por um sujeito, que pode estar expresso na oração, como em (3), (4) e (5) ou não. Em (6), o sujeito não é expresso, sendo recuperável pragmaticamente, ou seja, para haver a compreensão plena, faz-se necessário olhar para o contexto da imagem a que a postagem faz referência: que seria de um rapaz que “trola” o seu pai por meio de uma brincadeira, diante de uma dada opinião, e seu pai o

⁷ Disponível em: <https://twitter.com/Henrisques/status/1777266387737592257>

⁸ Disponível em: <https://x.com/Gabrielovskie/status/1630294321009246211>

ameaça com uma faca. O *slot* Y, por sua vez, é preenchido apenas por nominais ou verbos nominalizados.

(6) foi de vala⁹

O verbo *ir*, por sua vez, é representado na construção por meio da sua forma no infinitivo, pois, por mais que consideremos aqui a formação de um *chunk* entre o verbo e a preposição, existe a possibilidade de ele ser flexionado em variados tempos e pessoas diferentes no discurso. Compreendemos, então, que se trata de um *chunk* mais leve. Como bem afirma Bybee (2010 [2016]), os *chunks* exibem gradiência, isto é, podem ser mais fortes ou mais fracos. Os do primeiro tipo são aqueles cujas realizações só são possíveis com elementos específicos com alto nível de cristalização sintática entre eles. Já os do segundo tipo são aqueles cuja a integração com o todo se apresenta de forma mais forte, porém, há a possibilidade de um dos elementos formadores desse processo ser constituído de outras palavras, que a autora coloca como um *continuum*.

Dessa forma, podemos enxergar a formação do processo de *chunking* na construção [(X) ir de [Y]] na força integrativa entre o verbo e a preposição, por mais que o verbo possa ser flexionado em diferentes tempos e pessoas, como em (7), (8), (9) e (10).

(7) whatsapp foi de castelos e ruínas¹⁰

(8) fui de arrasta nessa prova, odeio essa matéria com todas as minhas forças¹¹

(9) Tava no Uber o cara chegou “passa o celular que eu tô armado” e a motorista abaixou pra fingir que ia pegar arma, quase fomos de tio Paulo¹²

(10) to achando que dessa vez realmente vamos de base família vivi aqui meus momentos favoritos na internet obrigado por ter existido¹³

Dessa forma, entre o verbo *ir* e a preposição *de* existe uma alta força de integração, havendo somente a possibilidade de a construção ser realizada desta forma. Integração esta que se apresenta de forma mais frouxa nas construções mais prototípicas com esse verbo

⁹Disponível em: <https://twitter.com/FVKXU/status/1776994117232304510>

¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/rapfalando/status/1775589783084961911>

¹¹ Disponível em: <https://twitter.com/sooyassie/status/1778394108224004562>

¹² Disponível em: <https://twitter.com/giperales1/status/1780985352531964056>

¹³ Disponível em: <https://x.com/obrianentediado/status/1829641971964789004>

onde as posições sintáticas podem ser reagrupadas sem comprometer a semântica da oração, como em (11) e (12).

(11) Eu voltei a pegar ônibus essas semanas, depois de anos só indo a pé e no máximo de Uber moto por R\$ 4.60 pra UFAM, agora me sinto completamente acabado e nem é white people problem. É pobre people problem mesmo. 2 ônibus pra ir e 2 pra voltar¹⁴

(12) "Nós simplesmente não levamos aquele jogo a sério. Quase não viajamos. Fomos num avião normal, na classe econômica e o voo durou 18 horas. Os brasileiros já estavam na cidade há dez dias e nós não sabíamos o quanto a partida era importante para eles."¹⁵

Em (11), temos um escrevente que afirma ter voltado a pegar ônibus após dois anos somente indo a pé e de Uber moto para a Universidade, fazendo questão, na sua escrita, de expressar que suas queixas não são fúteis, mas, sim, que elas expressam que a sua realidade é sofrida tal qual a das pessoas com menos condições financeiras que precisam fazer uso do transporte público todos os dias. Com relação à forma, é perceptível dois pontos de vista a respeito da construção mais prototípica com o verbo *ir*: há possibilidade de mobilização de outra preposição na oração além do *de*; e a possibilidade de colocação de material linguístico interveniente entre os advérbios de modo e o nominal, entendido aqui como locativo, no caso, a UFAM. Já na construção [(X) ir de [Y]], essas realizações não são possíveis, uma vez que a preposição *de* não pode ser substituída e não é possível a colocação de material linguístico interveniente entre a o verbo *ir* e a preposição *de*.

Em (12), temos um escrevente que publica uma resposta dada ao jornal *The Times* pelo jogador Mark Lawrenson, atleta do time Liverpool, quando o time jogou com o Flamengo na Europa em 1981. O jogador faz considerações afirmando que o seu time não levou a partida do jogo a sério e que o time brasileiro tomou vantagem sobre o time inglês pelo fato de eles já estarem a dez dias na cidade que sediou a partida. Além disso, ele afirma que viajou juntamente com a sua equipe por mais de 18 horas em um voo de classe econômica para chegarem ao destino, estando, assim, conseqüentemente, mais cansados.

Assim como na ocorrência (11), em (12) podemos perceber a presença da preposição *num* associada ao verbo *ir*. Situação esta que não é possível quando se trata das realizações

¹⁴ Disponível em: <https://x.com/psyopstrianon/status/1904790986166854009>

¹⁵ Disponível em: <https://x.com/fredcaldeira/status/1208027029809049606>

com a construção [(X) ir de [Y]], confirmando, assim, nossas considerações a respeito da possibilidade de utilização de outras proposições (*num* = em + um) na construção mais prototípica.

Diante da noção de *composicionalidade*, podemos constatar que a construção [(X) ir de [Y]] se mostra menos composicional do que aquela que instancia as construções mais prototípicas com o verbo *ir*. Na construção inovadora, o verbo não mais codifica a ideia de deslocamento físico, mas, sim, de um deslocamento metafórico. Dessa forma, não é mais possível se chegar à compreensão do sentido da oração por meio da somatória de seus elementos constitutivos, como em (13).

(13) O carnaval foi de arrasta pra cima, só se acontecer um milagre financeiro pra mim¹⁶

Dessa forma, o escrevente que afirma que só irá curtir o carnaval se acontecer de ele conseguir melhorar suas condições financeiras de forma milagrosa, usa a expressão *ir de arrasta pra cima* sinalizando que seus planos com relação ao carnaval foram frustrados em decorrência da ausência de dinheiro. Nesse sentido, a respeito da *composicionalidade semântica*, não se conseguiria recuperar o significado do todo por meio da somatória dos significados individuais das partes. Tal como ocorre do ponto de vista semântico, a construção também se apresenta sintaticamente pouco composicional, porque aqui a identificação dos constituintes sintáticos não se faz de forma tão transparente. Ou seja, o elemento preenchedor do *slot* Y não é mais um locativo, dessa forma, o verbo *ir* não codifica mais um deslocamento concreto de um ponto a outro, nos impossibilitando, assim, de resgatar com facilidade o significado de cada um dos elementos da oração. Isso não aconteceria com relação à construção mais prototípica [S Vmov Sadv], na qual estão resguardadas as características fonte de cada um dos *slots* aqui a serem preenchidos.

Uma vez que a construção inovadora apresenta um baixo grau de *composicionalidade*, acaba também por afetar semanticamente outros elementos presentes nas orações instanciadas pela mesma, a exemplo do papel temático do sujeito. Na construção prototípica de movimento físico, o sujeito exerce uma agentividade sobre a ação que está sendo realizada, enquanto que, na construção inovadora, ele passa a se comportar como um sujeito experienciador que sofre involuntariamente algo que se sucedeu de forma desfavorável.

¹⁶ Disponível em: https://x.com/almofadinhas_sb/status/1626332172763254790

Com relação à *produtividade*, na frequência *type* (frequência de construção), constatamos que o *slot* Y possibilita apenas ser preenchido por nominais ou verbos nominalizados, como: *(lojas) americanas; vasco; castelos e ruínas; arrasta/arrasta pra cima; base; ralo; nota de comunidade; camisa de saudades eternas; F (em foi de F); rainha Elizabeth; bye bye; submarino; Olavo de Carvalho*, entre outros. Já com relação à frequência *token* (frequência de constructo), constatamos que as realizações mais produtivas de preenchimento desse *slot* são: *arrasta/arrasta pra cima (127/525)*, *base (63/525)* e *americanas (35/525)*.

No tocante aos elementos preenchedores do *slot* X, constatamos que ele pode ser preenchido por um *sintagma nominal lexical* (SNL), que possui como núcleo um substantivo modificado ou não, ou por um *sintagma nominal lexical individualizado* (SNI), que possui como núcleo um indivíduo, convergindo para o estudo de Ataíde (2013), quando analisa a categoria gramatical sujeito à luz da abordagem sistêmico-funcional. Nas ocorrências cujo *slot* X é preenchido por um SNL, podemos encontrar exemplos como: *Minha casa, A minha garganta, minha querida imunidade, a greve na ufes, A terra, VL (Vale Refeição) e Minha crocs*, com um total de 9 ocorrências. Já com relação àqueles preenchidos por um SNI, encontramos os seguintes exemplos: *Boninho (1), Yasmin (1), Eu (38), Beatriz (1), A greta (1), OJ Simpson (1), Véio (1) e Inocência (1)*, totalizando 45 ocorrências.

Ainda com relação aos preenchedores do *slot* X, para além das categorias citadas anteriormente, na análise dos dados encontramos também sintagmas nominais formados por nomes de instituições, sejam elas de ordem pública ou privada, a exemplo de: *O whatsapp (1), Brisanet (1), O Globoplay (1), betano (1), Instagram (1), o telegram (1) e Falcons (1)*, com um total de 6 ocorrências.

Diante disso, compreendemos que, com relação aos elementos preenchedores do *slot* X, ele não mais será ocupado necessariamente por um sujeito humano, o qual exerce uma agentividade sob uma ação em questão dentro das construções mais convencionais com o verbo *ir*. Agora, a construção inovadora abre margem para que outros elementos preencham esse *slot*, justamente pelo fato de que ela, diferentemente das construções mais prototípicas com esse verbo, não expressa uma relação de um deslocamento que se dá de forma física, mas sim de forma metafórica, permitindo, assim, realizações como: *minha garganta, a greve na ufes, minha querida imunidade*, entre outros.

Ainda com relação às análises das frequências, dois fatos importantes foram percebidos com relação às mobilizações da construção inovadora: 1) existem nominais preenchedores do *slot* Y que são menos produtivos porque estão presos a um contexto

pragmático que está sendo motivo de grande repercussão no âmbito social de maneira geral, sobretudo nas redes sociais. Então, quando o contexto pragmático que o motivou vai ficando mais distante do fato em questão, os elementos preenchedores desse *slot* se tornam bem menos produtivos, como em (14), (15) e (16).

(14) Fui comer um pedaço de bolo e minha garganta quase foi de tio paulo¹⁷

(15) meu resto de fone foi de we pink, como vou correr sem música¹⁸

(16) tendo que tomar aciclovir porque minha querida imunidade foi de submarino esses dias¹⁹

Em (14), o escrevente afirma que ao comer um pedaço do bolo, a sua garganta acabou por não funcionar como deveria, certamente por estar falando de um possível evento de engasgo. Para isso, ele usa a expressão *foi de tio paulo*, fazendo alusão ao fatídico evento acontecido em 2024, em que a sobrinha, Érika de Souza, levou o seu tio, Paulo Roberto Braga, já morto, a um banco para sacar um empréstimo. O caso tomou repercussão nas mídias digitais por ser absurdo alguém levar um parente já falecido para contratar empréstimo em uma agência bancária.

Em (16), o escrevente afirma que seu fone de ouvido, que outrora já estava danificado, parou de funcionar definitivamente e agora ele não sabe como fará sua atividade física sem ouvir música. Para expressar tal situação, ele mobiliza a construção *foi de we pink* fazendo analogia a empresa de cosméticos *WePink*, criada em 2021 pela digital influencer brasileira Virgínia Fonseca e pela empresária Samara Pink. A marca passou por grande repercussão em 2023, quando lançou uma base de maquiagem que desagradou a todos os seus clientes pela sua má qualidade, virando, assim, motivo de chacota na internet.

Em (17), o escrevente diz que está precisando fazer uso de um medicamento, que é um antiviral, devido às condições deficitárias que se encontra o seu sistema imunológico. Para isso, ele faz uso da construção *foi de submarino*, fazendo referência à tragédia acontecida em junho de 2023 com o submarino *Titan*, da empresa *OceanGate*, que seguia para uma expedição de navegar até os destroços do *Titanic*. Infelizmente, devido à grande

¹⁷ Disponível em: <https://x.com/breakingthatbad/status/1790693779512389650>

¹⁸ Disponível em: <https://x.com/chanandleer/status/1781402753425703385>

¹⁹ Disponível em: <https://x.com/brunezzi/status/1768315708050407665>

profundidade marítima e a alta pressão atmosférica no interior do oceano, a estrutura do submarino não suportou e implodiu, matando assim todos aqueles que estavam a bordo.

O segundo fato é que, contrapondo a questão anterior a respeito de preenchedores do *slot* Y menos produtivos mediante a uma questão de repercussão midiática, percebemos que os constructos que aparecem com um alto nível de produtividade regularmente não estão presos a essa dimensão temporal porque já foram bastante incorporados aos usos da construção, a exemplo das construção [(X) ir de arrasta/arrasta pra cima] e [(X) ir de base].

Com relação à *categorização*, percebemos que não estamos lidando aqui com categorias discretas de análise com relação ao preenchimento dos *slots*, sobretudo diante da significativa produtividade com a qual os falantes performam os usos da construção inovadora. Assim, já podemos falar aqui de um processo de recategorização. Ou seja, quando os falantes/escreventes fazem uso da construção, à medida que preenchem o *slot* Y com nominais como: *elizabeth*, *submarino* e *vasco*, por exemplo, estão fazendo uma associação cognitiva de que os referentes no mundo físico desses elementos, os quais estão associados a um evento de repercussão negativa, os levam também a os associarem a resultados desfavoráveis de maneira metafórica. Nesses casos, temos, respectivamente, um contexto pragmático de uma rainha falecida, de um submarino afundado e um time de futebol que perdera a partida do jogo.

Ademais, aqui os usuários da língua mobilizam a construção inovadora também concebendo o processo de *metáfora conceptual*, pelo qual é concebida a associação das experiências negativas acontecidas com as figuras citadas anteriormente, por exemplo, com aquelas as quais a construção [(X) ir de [Y]] faz referência. Dessa forma, podemos perceber também o chamado pensamento analógico, em Traugott e Trousdale (2021 [2016]), compreendido como motivado mediante ao processo de analogia de formular um elemento novo por meio de um modelo já disponível.

Contudo, mesmo considerando a construção inovadora [(X) ir de [Y]] como essa que codifica uma noção de um encaminhamento que se dá de forma desfavorável para uma dada situação, fomos percebendo também a iminência de novos elementos preenchedores do *slot* Y que acabam por mudar a semântica atribuída aqui à construção, a exemplos de:

(17) Boa noite mores, fui de sonos²⁰

(18) não sou pero vaz mas fui de caminha²¹

²⁰ Disponível em: <https://twitter.com/luvjeonchoi/status/1778619297419383073>

²¹ Disponível em: <https://twitter.com/luquinha/status/1777197856400592921>

(19) fui de dormes²²

Nas ocorrências anteriores, percebemos que os nominais *sonos*, *caminha* e *dormes*, respectivamente, não mais conotam uma relação de negatividade para a semântica da construção, mas, sim, temos um escrevente que mobiliza a construção para expressar que irá dormir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisamos a construção de fim desfavorável [(X) ir de [Y]], inovadora no português brasileiro, buscando estabelecer relações entre a construção cuja o verbo *ir* codifica a noção mais prototípica de deslocamento físico, com os usos mais emergentes do português instanciados pelos falantes por meio da construção inovadora. Dessa forma, nos debruçamos sob os aspectos da construção que dizem respeito à forma e a função. Com relação à forma, constatamos que a construção inovadora é parcialmente esquemática, possuindo dois *slots* abertos, X e Y, que são preenchidos por um sujeito (expresso ou não na oração) e nominais ou verbos nominalizados, respectivamente. Sendo perceptível, também, a formação de um *chunk* por meio da força de integração entre o verbo *ir* e a preposição *de*, por mais que ele seja caracterizado aqui como um *chunk* mais fraco, mediante a possibilidade do verbo ser flexionado em variados tempos e pessoas do discurso.

No tocante à *composicionalidade*, a construção inovadora é menos composicional do que aquela que instancia construções mais prototípicas na língua, pois, o verbo *ir* aqui não mais possui uma carga semântica que indica deslocamento físico, mas, sim, um que se dá de maneira metafórica. Além disso, com relação à *produtividade*, constatamos também que a construção é bastante produtiva na língua, podendo o *slot* X ser preenchido por um *sintagma nominal lexical* (SNL), um *sintagma nominal lexical individualizado* (SNi) ou por um sintagma formado por nomes de instituições, de ordem pública ou privada.

Com relação aos aspectos cognitivos de domínio geral (Bybee, 2016 [2010]), diante da análise dos dados, sobre a *categorização*, constatamos que não estamos lidando aqui com categorias fechadas de análise, podendo até falarmos de um processo de recategorização, pois, amparados também em aspectos como a *analogia* e a *metáfora conceptual*, os falantes vão instanciando novos usos da língua baseados em modelos já disponíveis.

²² Disponível em: <https://twitter.com/iknowqkka/status/1780415265198489865>

Sobre suas características funcionais, constatamos que a construção [(X) ir de [Y]], diferentemente das construções de realizações mais prototípicas com o verbo *ir*, não codifica mais uma noção de um deslocamento físico, mas, sim, um que se dá de forma metafórica, ou seja, com uma carga semântica de que algo se encaminhou de forma desfavorável para a situação em questão.

Por fim, diante da análise dos dados, percebemos também possíveis novos usos instanciados pela construção inovadora. Se antes os usuários da língua mobilizavam apenas elementos preenchedores do *slot* Y com uma carga semântica negativa, agora, podemos contemplar novos elementos cuja semântica encontra-se desprovida de negatividade. Disso resulta que a construção [(X) ir de [Y]] não mais codifica apenas a ideia de encaminhamento desfavorável, passando também a expressar o significado de dormir/descansar.

REFERÊNCIAS

ABREU, ANTÔNIO. **Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

ATAÍDE, Cleber. **UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL DA CATEGORIA GRAMATICAL DE SUJEITO**. Interdisciplinar - Revista da Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão-SE, v. 12, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1226>. Acesso em: 27 mar. 2025.

BORBA, F. **Dicionário de usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2006.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CANÇADO, Márcia; AMARAL, Luana. **Introdução à Semântica Lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. p. 39-81.

CEZÁRIO, Maria; CUNHA, Maria. (Orgs.) **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

CROFT, W. **Radical construction grammar**. Syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FERREIRA, A. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa** . 4. ed. rev. e ampl. Curitiba: Positivo, 2004.

GONÇALVES, Alcione. **Estudo do Processo de Gramaticalização do Verbo IR: uma análise diacrônica**. Revista Práticas de Linguagem, v. 3, p. 324, 2013.

HILPERT, M. **Construction Grammar and its Application to English**. Edinburgh. Edinburgh University Press. (2014), p. 233.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral. **O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas**. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, dez de 2016, p. 83-101.

LOPES, Monclar Guimarães; ROSÁRIO, Ivo da Costa. Metodologia de pesquisa sincrônica. *In: ROSÁRIO, Ivo da Costa (Org.). Metodologia da pesquisa funcionalista*. Porto Velho, RO: Editora da Universidade Federal de Rondônia (Edufro), 2023. p 37-55.

PERINI, Mário A. **Linguagem e cognição: esquemas, gramática e os limites da língua**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024. p. 159-166.

MACIEL DE OLIVEIRA, Vinicius. **A gramaticalização do verbo IR em predicções complexas**. In: XI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2007, Rio de Janeiro. Livro de Resumos e Programação, 2007. v. XI. p. 14-14.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021

WIEDEMER, M. L.. **Evidências de novos fatores linguísticos na seleção de preposições de complemento locativo do verbo ir**. Diadorim (Rio de Janeiro), v. vi, p. 203-221, 2011.